

Reflexividade na pesquisa antropológica em saúde

Desafios e contribuições
para a formação
de novos pesquisadores

Jaqueline Ferreira
Elaine Reis Brandão
(organizadoras)

EDITORA



UnB



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Fernando César Lima Leite
: Beatriz Vargas Ramos Gonçalves de Rezende
: Carlos José Souza de Alvarenga
: Estevão Chaves de Rezende Martins
: Flávia Millena Biroli Tokarski
: Jorge Madeira Nogueira
: Maria Lidia Bueno Fernandes
: Rafael Sanzio Araújo dos Anjos
: Sely Maria de Souza Costa
: Verônica Moreira Amado

EDITORA



UnB

Reflexividade na pesquisa antropológica em saúde

Desafios e contribuições
para a formação de novos
pesquisadores

Jaqueline Ferreira
Elaine Reis Brandão
(organizadoras)



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia

Equipe editorial
: Luciana Lins Camello Galvão
: Denise Silva Macedo
: Wladimir de Andrade Oliveira
: Haroldo Brito
: © 2020 Editora Universidade de Brasília
: Direitos exclusivos para esta edição:
: Editora Universidade de Brasília
: SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,
: 2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF
: Telefone: (61) 3035-4200
: Site: www.editora.unb.br
: E-mail: contatoeditora@unb.br
: Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
: desta publicação poderá ser armazenada ou
: reproduzida por qualquer meio sem a autorização
: por escrito da Editora.
: Esta obra foi publicada com recursos provenientes do
: Edital DPI/DPG nº 3/2019.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

R332 Reflexividade na pesquisa antropológica em saúde : desafios e
 contribuições para a formação de novos pesquisadores /
 Jaqueline Ferreira, Elaine Reis Brandão (organizadoras). -
 Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2021.
 288 p. ; 23 cm. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-5846-007-7

1. Etnografia. 2. Antropologia da saúde. 3. Saúde coletiva. I.
Ferreira, Jaqueline (org.). II. Brandão, Elaine Reis (org.). III.
Série.

CDU 39:61

Sumário

Prefácio 9

Claudia Fonseca

Referências **14**

Apresentação

Tradição e perspectivas sobre a reflexividade em pesquisas etnográficas em saúde 15

Elaine Reis Brandão e Jaqueline Ferreira

1. Inquietações no ensinar e no fazer etnografias em saúde **15**
 2. Sobre os percursos da etnografia no campo da saúde **19**
 3. Situando a reflexividade na pesquisa etnográfica **24**
 4. Os discursos sobre a alteridade na antropologia **26**
 5. A escrita etnográfica **30**
 6. Experiências reflexivas: temas e questões bons para pensar **33**
- Agradecimentos **39**
- Referências **40**

Parte I

Revisitando trajetórias reflexivas de pesquisa no campo da antropologia da saúde

Capítulo 1

Antropologia, dissonância ética e a construção do objeto 49

Sylvie Fainzang

1. Uma etnografia da mentira: entre a ética e a epistemologia **51**
 2. Etnografia da poligamia: um assunto ético? **59**
 3. Discussão **63**
- Conclusão **67**
- Referências **68**

Capítulo 2

Por uma antropologia do cuidado: reflexões em torno de um percurso de pesquisa **73**

Francine Saillant

1. Reflexividade, teoria, ciência, política **76**
 2. O percurso em direção a uma antropologia do cuidado **83**
 3. A alteridade no cuidado **88**
- Conclusão **92**
Referências **93**

Parte II

Percursos para uma etnografia reflexiva: experiências subjetivas no trabalho de campo de jovens pesquisadoras na saúde coletiva

Capítulo 3

Emoções na pesquisa etnográfica: dilemas e desafios de pesquisadoras em campo **99**

Renata de Moraes Machado, Nathalia Ramos da Silva e Rachel Aisengart Menezes

1. Introdução **99**
 2. Dupla identidade do pesquisador e emoções no campo **103**
 3. Emoções e ética **110**
- Considerações finais **116**
Referências **118**

Capítulo 4

Entre vergonhas, surpresas e perturbações: a carreira de pesquisa em uma instituição de tratamento para o alcoolismo **123**

Fernanda Vecchi Alzuguir

1. Introdução **123**
 2. A carreira moral e a pesquisa etnográfica na Unidade de Alcoolismo: definindo o objeto e o referencial de análise **126**
 3. Definindo um lugar, me definindo **131**
 4. A vergonha na cena do tratamento **137**
- Considerações finais **145**
Referências **146**

Capítulo 5

Quando a antropologia entra na escola procurando pela saúde: o fenômeno vacinal do HPV à luz da reflexividade em pesquisa **149**

Natália Almeida Bezerra e Soraya Fleischer

1. Encontrando um tema de pesquisa sobre saúde **149**
 2. Definindo um campo de pesquisa sobre saúde **153**
 3. Construindo relações de pesquisa com adolescentes em uma escola **157**
 4. Lidando com os papéis recebidos na pesquisa: fotógrafa, nova professora, estagiária, filha da professora **162**
 5. Lidando com os papéis propostos à pesquisa: a antropóloga visual **167**
 6. Ponderando sobre questões ético-metodológicas **172**
- Sinalizando comentários finais **176**
- Referências **178**

Capítulo 6

Uma etnografia encarnada: imagens e identidades corporais de um pesquisador em uma academia de ginástica **183**

Alan Camargo Silva

1. Considerações iniciais **183**
 2. Etnografia encarnada: percurso reflexivo **185**
 3. Corpo e identidades: notas sobre a experiência etnográfica **188**
 4. Juventudes, masculinidades e heteronormatividade em xequê **190**
 5. Classes sociais, escolaridade, ocupação profissional: marcadores distintivos **194**
 6. Corpos brancos e negros e suas distinções **200**
 7. À guisa de conclusão: o etnógrafo em campo e corpo como dado inerente à pesquisa na contemporaneidade **202**
- Referências **203**

Capítulo 7

“Ah! Você entende, né?!” Proximidades e distanciamentos na pesquisa com adolescentes em tratamento para anorexia nervosa 209

Priscila da Silva Castro

1. Introdução **209**
 2. Fazer antropologia em serviço público de saúde **211**
 3. Sobre não ser uma nutricionista em campo **212**
 4. Adolescentes: indivíduos ou grupos vulneráveis? **214**
 5. A pesquisadora: uma estranha na equipe de saúde? **215**
 6. O delicado/difícil lugar da família **220**
 7. Aproximação ao sofrimento das adolescentes **223**
- Considerações finais **227**
- Referências **229**

Capítulo 8

Das políticas públicas às práticas de atenção à saúde das pessoas com hanseníase: experiências e reflexões em torno da negligência 233

Lidiane Mara de Ávila e Silva

1. A hanseníase em Mato Grosso: negligência como problema de saúde pública **236**
 2. A construção do campo em uma etnografia multissituada **238**
 3. Lugares e olhares na pesquisa etnográfica: a circulação entre a desconfiança e a benevolência **247**
- À guisa de conclusão **254**
- Referências **256**

Capítulo 9

Inserções em campo e voluntariado no estudo de comunidades terapêuticas no sul do Brasil 259

Priscila Farfan Barroso e Daniela Riva Knauth

1. Introdução **259**
 2. Entrando em um labirinto **263**
 3. Voluntariado e pesquisa de campo **273**
- Referências **278**

Sobre as autoras e o autor 283



P Prefácio

Claudia Fonseca

A reflexividade de que trata este volume não seria parte inerente do ofício de pesquisador? Sem a eterna (auto)vigilância epistemológica (com suas dúvidas intermináveis), como poderia qualquer pesquisa se aprofundar? Sem essas dúvidas, seria muito fácil o investigador ceder às perspectivas dominantes do momento, formulando análises sem surpresas, repetindo o que “já sabemos” (sendo esse saber adequado ou não). Seria tentador se deixar guiar por dicotomias já gastas, que aprisionam os dados em classificações rígidas, ou por maniqueísmos morais, que dividem os acontecimentos, de forma precipitada, em bons e em ruins. Sem se afastar do senso comum (inclusive acadêmico), a análise tenderia a reiterar explicações simplificadoras, em vez de enfrentar a complexidade do mundo em que vivemos. A reflexividade, apesar de muitas vezes desconfortável, é produto e produtora das dúvidas que devem acompanhar todo o processo de investigação.

Como navegar, então, nesse mar de incertezas? Os autores e as autoras deste volume parecem de acordo: não há receitas. Avançar na pesquisa exige a destreza do dançarino na corda bamba. Cada novo passo exige um reajuste de corpo e de mente para manter o equilíbrio,

sem pular para o chão enganador do raciocínio reducionista, sem se deixar paralisar pela angústia e sem se entregar a platitudes pouco produtivas sobre o inevitável caos do mundo. Tal como Haraway (2016) recomenda, temos que ficar com o desafio das encrencas (*staying with the trouble*), ter a coragem de enfrentar (e, eventualmente, até de curtir) terrenos desconhecidos onde as balizas que tanto nos ajudaram no passado talvez não nos sirvam mais.

Felizmente, o pesquisador – pelos menos nas ciências sociais – raramente está sozinho. Na procura por uma saída que possa dotar o mundo de certa inteligibilidade, nossa reflexividade é atizada por múltiplos círculos de interlocução. Em primeiro lugar, temos o encontro etnográfico – o que, se não garante uma saída segura de nossos dilemas, pelo menos aponta para alguns caminhos promissores. Esse encontro, eminentemente intersubjetivo, agudiza nossa consciência do lugar que ocupamos dentro da realidade sob análise. Esse lugar é objeto de reflexão ao longo dos diferentes capítulos deste volume, mostrando o pesquisador como personagem da narrativa; com suas próprias motivações (por que escolheu um tema de pesquisa e não outro?), seu próprio corpo, seu sexo, sua classe e sua raça (como esses atributos emergem como elementos de interpelação?) e seus estados de alma (como é afetado pelas situações frequentemente perturbadoras da experiência de campo?). Contudo, essa personagem não se torna vedete da produção; não relega seus interlocutores ao papel de meros coadjuvantes. Pelo contrário, com sensíveis descrições de situações vividas, os autores tecem análises provocadoras que levam o leitor para dentro das dores, das alegrias e das frustrações de muitos outros – médicos, enfermeiras, cuidadores e sujeitos de sofrimento.

É no compromisso com pessoas de carne e osso, enfrentando circunstâncias particulares de determinado tempo e lugar – das alas hospitalares às escolas, das academias de ginástica às comunidades terapêuticas –, que o etnógrafo começa a se dar conta dos limites de sua perspectiva analítica até então. O seu próprio posicionamento ético e analítico assume contornos mais nítidos à medida que reconhece a heterogeneidade dos atores no universo sob estudo e a diferença entre suas respectivas

visões. Assim, as interlocuções da experiência etnográfica impõem (é quase inevitável) uma espécie de reflexividade desestabilizadora.

Porém, cabe lembrar que temos interlocutores também na arena acadêmica – em que enfrentamos provocações críticas de outra natureza. Especialmente na pesquisa em saúde que junta cientistas sociais com psicólogos, com nutricionistas, com médicos e com enfermeiras, a heterogeneidade de perspectivas cria um terreno desafiador de debate. Não apenas podem existir desentendimentos quanto a questões éticas envolvendo os objetivos e os procedimentos da investigação, como colisão entre filosofias epistemológicas. Em outro lugar, Nucci (2018) nos traz um exemplo de tal colisão na sua análise de uma rede interdisciplinar de neurofeministas composta, por um lado, de cientistas laboratoriais e, por outro lado, de cientistas sociais. As primeiras buscam contestar o uso de noções simplistas de gênero entre seus colegas das ciências biológicas, ao mesmo tempo que tentam localizar e aprofundar zonas de proximidade entre as neurociências e o feminismo. As cientistas sociais da rede, longe de procurar uma aproximação com as neurociências tradicionais, sublinham as discrepâncias entre aquelas ciências e o feminismo, apostando na produtividade do dissenso. Conforme Nucci (2018), as abordagens divergentes chegam a provocar rixas dentro da rede, de tal forma que a pesquisadora, que tenta transitar entre os dois campos (cientistas laboratoriais e cientistas sociais), vive com a sensação incômoda de ser uma dupla traidora.

Os capítulos do presente volume trazem histórias muito semelhantes sobre as ambivalências vividas por analistas lidando com interlocutores profissionais de diferentes orientações disciplinares (inclusive, alguns que cumprem o duplo papel de trabalhador de saúde e de pesquisador), que devem driblar a sensação de múltiplas traições. Seu desafio é aprender a conviver com essa tensão sem que as divergências inviabilizem a discussão ou a possibilidade de, eventualmente, forjar projetos em conjunto. A reflexividade provocada por essas interlocuções é capaz de provocar profundas transformações – não apenas do pesquisador, mas, eventualmente, do campo acadêmico como um todo.

Outro momento no processo investigativo, contudo, ainda exige, do pesquisador, uma autorreflexão intensa: o de apresentar resultados a diferentes plateias, acadêmicas e extra-acadêmicas. Quais elementos devem ser enfatizados e em que termos? Essa pergunta cresce em importância na medida em que o pesquisador assume o engajamento ético e afetivo em relação à realidade-alvo, não apenas insistindo na escuta atenciosa das vozes diversas, não somente tecendo análises que dão conta da complexidade da situação, mas também estimulando, com a disseminação dos resultados da pesquisa, maneiras cuidadosas de agir e de intervir (BELLACASA, 2010).

No ano passado, elaborei uma reflexão mais detalhada em resposta ao desafio lançado pelas organizadoras do presente volume (FONSECA, 2019). Voltei minhas indagações para meu lugar como membro de um círculo de interlocução multidisciplinar e extra-acadêmica voltada para o bem-estar de crianças abrigadas e adotadas. Descrevi o desconforto que sentia diante do repetido uso de imagens neurológicas em conferências voltadas para esse tema – desconforto que me motivou a fazer o estudo genealógico de uma imagem específica (apelidada, por uma observadora, de “a imagem dos cérebros-nozes”). Com essa pesquisa, aprofundi minha convicção de que a popularidade dessas imagens se apoiava em um raciocínio médico reducionista, sem grande conexão lógica com os problemas sendo debatidos. O apelo a uma versão simplista das ciências neurológicas não apenas ofuscava outras formas de intervenção (social, psicológica, educacional), mas também – a meu ver – arriscava reforçar preconceitos estigmatizantes contra crianças egressas de instituições de acolhimento. Minha pergunta – fonte de reflexividade quase obsessiva – era: o que fazer com os resultados de minha pesquisa, especialmente, quando continuava a assistir a eventos em que palestrantes se deleitavam em mostrar essa mesma imagem?

Enquanto me torturava com a pergunta – como e quando eu tinha o dever ético de me manifestar? –, presenciei uma cena que, mais uma vez, obrigou-me a pausar. Uma especialista jurídica, que projetava a imagem dos cérebros-nozes, mal tinha terminado sua fala sobre crianças supostamente estropiadas pela experiência de acolhimento institucional quando uma técnica de abrigo levantou-se e pediu a palavra. Encorajada

pelo aceno de cabeça de dois adolescentes (há tempo em acolhimento) sentados ao seu lado, ela frisou como ela e seus colegas investiam, diariamente, tremendos esforços para criar um ambiente de estímulo carinhoso e educativo para os bebês, as crianças e os adolescentes sob sua responsabilidade. Sua profunda indignação vinha da sensação de que o uso daquela imagem de cérebros atrofiados não apenas desqualificava seu próprio trabalho, mas também denegria as próprias crianças.

Seu desabafo foi aplaudido de pé pela vasta maioria de pessoas na plateia. Na hora, eu apenas podia pensar como os argumentos formulados por essa técnica, à base de experiências práticas, surtiam um efeito mais agregador do que qualquer comentário que eu, com base em estudos documentais da ciência, poderia formular. Naquelas circunstâncias, uma crítica precipitada minha poderia soar, pior do que redundante, paternalista, afugentando interlocutores, em vez de aproximá-los. A experiência me fez pensar que meus resultados de pesquisa não ficam soltos no ar, mas se inserem dentro de um jogo constantemente reconfigurado de vozes e de articulações pragmáticas. Passei então a entender que, mesmo depois do fim da pesquisa, nosso lugar nos debates do cenário político ainda não é nada evidente, dependendo dos efeitos que queremos gerar. Em certas condições, podem caber críticas contundentes e, eventualmente, denúncias abertas. Porém, em outras, é possível que alcancemos nossos objetivos de forma mais eficaz apostando nas pontes tácitas – momentâneas, instáveis e criativas – que se estendem entre as diferenças, para formar alianças pragmáticas (TSING, 2005).

A reflexividade que nos acompanha durante todas as etapas da pesquisa nos leva de volta à questão fundamental: quais efeitos procuramos produzir com nossa atuação profissional? Entretanto, no lugar de uma resposta clara, surge a convicção de que qualquer esclarecimento apenas se realizará com um paciente trabalho de colaboração. Assim, nos artigos deste volume, antes de procurar conclusões definitivas, devemos encontrar um convite para participar, em um exercício responsivo, da socialização de inquietações. Dessa maneira, juntos, ensaiamos passos para levar a ciência a círculos mais amplos de interlocução, no esforço – hoje mais urgente do que nunca – de alcançar o tipo de sociedade em que desejamos viver.

Referências

BELLACASA, Maria Puig. Matters of care in technoscience: assembling neglected things. *Social Studies of Science*. v. 41, n. 1, p. 85-106, 2010.

FONSECA, Claudia. Crianças, seus cérebros... e além: reflexões em torno de uma ética feminista de pesquisa. *Revista Estudos Feministas*, v. 27, n. 2, e 56169, 2019.

HARAWAY, Donna. *Staying with the trouble: making kin in the cthulucene*. Durham and London, Duke University Press, 2016.

NUCCI, Marina F. Crítica feminista à ciência: das “feministas biólogas” ao caso das “neurofeministas”. *Revista Estudos Feministas*, v. 26, n. 1, e 41089, 2018.

TSING, Anna. *Friction*. Princeton: Princeton Univ. Press, 2005.



Sobre as autoras e o autor

Alan Camargo Silva


Professor de educação física, doutor em saúde coletiva pelo Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ), pesquisador da Escola de Educação Física e Desportos, Núcleo de Estudos Sociocorporais e Pedagógicos em Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *E-mail:* alancamargo10@gmail.com

Claudia Fonseca

Antropóloga, doutora em etnologia pela Université de Nanterre e em Sociologia pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), França; professora titular do Departamento de Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *E-mail:* claudialwfonseca@gmail.com

Daniela Riva Knauth

Antropóloga, doutora em antropologia social pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), França; professora titular do Departamento de Medicina Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *E-mail:* daniela.knauth@gmail.com



Elaine Reis Brandão

Assistente social, doutora em saúde coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/Uerj), professora associada do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *E-mail:* brandao@iesc.ufrj.br

Fernanda Vecchi Alzuguir

Psicóloga, doutora em saúde coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/Uerj), professora adjunta do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *E-mail:* fevecchi@iesc.ufrj.br

Francine Saillant

Enfermeira, doutora em antropologia social pela Université McGill, Canadá; professora emérita do Departamento de Antropologia da Universidade de Laval, Quebec, Canadá. *E-mail:* francine.saillant@ant.ulaval.ca

Jaqueline Ferreira

Médica, doutora em antropologia social pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), França; professora associada do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *E-mail:* jaquetf@gmail.com

Lidiane Mara de Ávila e Silva

Psicóloga, doutora em saúde coletiva pelo Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ), professora assistente do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso. *E-mail:* lidiane_avila@hotmail.com

Natália Almeida Bezerra

Antropóloga, doutoranda em antropologia social pela Universidade de Brasília (UnB). *E-mail:* natalia.almeida.unb@gmail.com

Nathalia Ramos da Silva

Fisioterapeuta, doutora em saúde coletiva pelo Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Iesc/UFRJ). *E-mail:* nathramos@hotmail.com

Priscila Farfan Barroso

Cientista social, doutora em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS). *E-mail:* prifarfan@yahoo.com.br

Priscila da Silva Castro

Nutricionista, doutora em saúde coletiva pelo Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ), professora adjunta da Faculdade de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. *E-mail:* priscilacastro@unifesspa.edu.br

Rachel Aisengart Menezes

Médica, doutora em saúde coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ), professora associada do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *E-mail:* raisengartm@terra.com.br

Renata de Moraes Machado

Psicóloga, mestre em saúde coletiva pelo Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ), doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *E-mail:* renatammachado@gmail.com

Soraya Fleischer

Antropóloga, doutora em antropologia social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), professora associada do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. *E-mail:* fleischer.soraya@gmail.com

Sylvie Fainzang

Antropóloga, doutora em antropologia social pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), França; diretora de pesquisa do Instituto Nacional de Saúde e Pesquisa Médica (INSERM); e membro do Centro da Pesquisa em Medicina, Ciências, Saúde, Saúde Mental e Sociedade (Cermes3), França. *E-mail:* sylvie.fainzang@orange.fr

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

Reflexividade na pesquisa antropológica em saúde

Desafios e contribuições para a formação de novos pesquisadores

O ofício antropológico é feito de reflexividade. Andamos sempre na corda bamba, entre fazer uma etnografia da bruxaria do ponto de vista da bruxa ou do ponto de vista de um geômetra, seguindo a famosa comparação de Clifford Geertz. Quando entramos no campo da saúde, o trabalho fica mais desafiador. Lidamos com emoções, com corporalidades, com doença, com dor, com morte. Lidamos, além disso, com uma instituição extremamente potente, do ponto de vista não apenas de sua penetração social, de sua capacidade de acolhimento de tudo isso, mas, sobretudo, de sua eficácia simbólica, fortemente enraizada nos corações e nas mentes de todos nós. Refiro-me à medicina e às demais especialidades que gravitam ao seu redor. Ofícios compostos por pessoas que tratam outras pessoas; que mexem nos seus corpos, nos seus espíritos; que criam parâmetros para aferi-los; que oferecem conselhos, drogas; que propõem tarefas. A pesquisa antropológica surge como contraponto necessário para trazer à cena o emaranhado de experiências que compõem essas relações entre os que tratam, olham, examinam e aqueles que são tratados, observados e examinados. Evidentemente, o pesquisador faz parte desse emaranhado, pois o sofrimento e o acolhimento não lhe são estranhos. Os textos que fazem parte deste volume buscam refletir sobre essa posição reflexiva do pesquisador. Não se trata de uma posição necessária, mas, sim, inevitável. Não é uma escolha de quem pesquisa, mas uma consequência inevitável de habitar o mesmo mundo dos que sofrem e dos que acolhem o sofrimento do outro.

Jane Russo

Professora titular do Instituto de Medicina Social da UERJ

Foto ao fundo:

Arquitetura do prédio da FACE/UnB.

Por Isa Lima.



EDITORA



UnB